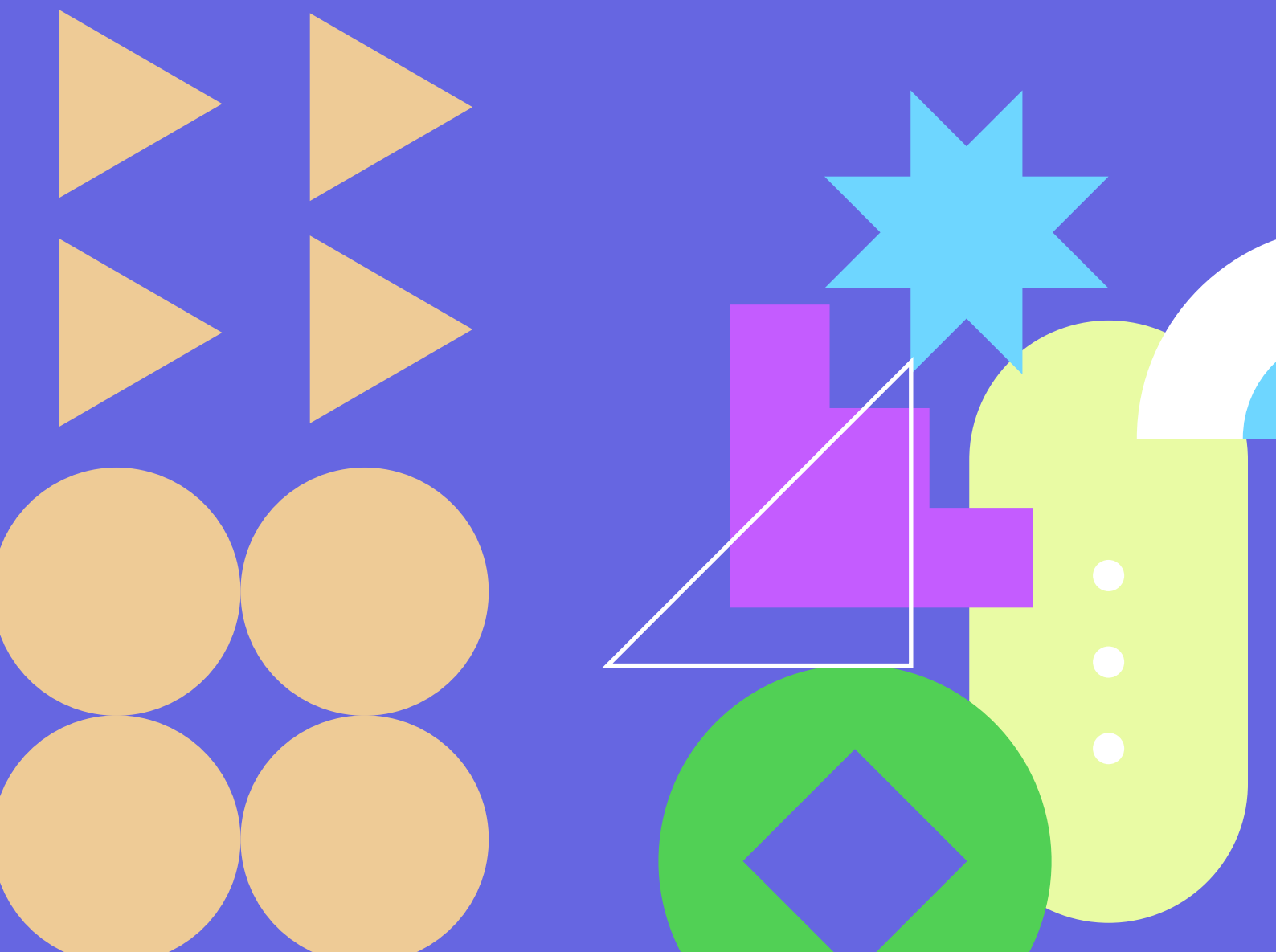
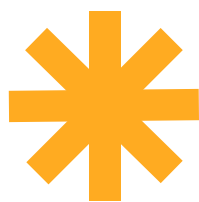


Guia para *Bolsistas* e *Voluntariado* **MAUC**





Apresentação

Olá, estudante!

Olá, estudante!

Boas-vindas ao Museu de Arte da UFC!

Estamos muito felizes com sua presença e participação no Mauc neste novo ano.

Esperamos e desejamos que sua experiência no Museu de Arte da UFC seja enriquecedora, que agregue conhecimentos e afetos e seja de grande proveito em sua formação humana e profissional.

O Mauc é um espaço rico para trocas e experiências, e você terá a oportunidade de colocar em prática o conhecimento teórico que adquire na sala de aula, bem como o conhecimento fruto de outras vivências na Universidade.

Neste guia, vamos apontar informações importantes relativas às atividades no Mauc e algumas dicas para uma melhor convivência e atuação cotidiana. As coordenadorias dos projetos acompanharão de perto a frequência, as atividades e os planos de trabalho.

Por fim, lembramos-lhes da participação obrigatória no final do ano na Jornada de Práticas Educativas e Científicas do Mauc, bem como nos Encontros Universitários da UFC.

Ficamos à disposição para o esclarecimento de dúvidas ou encaminhamento de sugestões.

Graciele Karine Siqueira
Diretora do Museu de Arte da UFC

Sumário

1. Sobre o Mauc
 2. Estrutura e Equipe do Mauc
 3. Conhecendo os Projetos do Mauc
 4. Conhecendo as coordenadorias e parcerias dos projetos
 5. Vigência das atividades
 6. Carga horária
 7. Frequência
 8. Pagamento da bolsa
 9. Responsabilidades
 10. Atividades e eventos obrigatórios
 11. Desligamento
 12. Declaração / Certificação
 13. Conhecendo artistas do circuito de longa duração do Mauc
- Links de textos e publicações sobre o Mauc
- Canais do Mauc na Internet



01

Sobre o Mauc

O Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc) é um equipamento cultural vinculado à Pró-Reitoria de Cultura (Procult). Inaugurado em 25 de junho de 1961, o Mauc preserva e difunde a cultura artística, atuando como uma ponte entre a obra de arte e o público. O Mauc se mantém dentro da filosofia de seu fundador e idealizador, Antônio Martins Filho, primeiro reitor da UFC, que criou o Museu com a ideia de relacionar universalidade e regionalidade. Esse espírito é mantido ainda hoje, através do eclético acervo do Mauc.

No momento, o Museu de Arte da UFC tem seis salas destinadas a exposições de longa duração, sendo uma coletiva (Cultura Popular) e cinco individuais (Chico da Silva, Aldemir Martins, Antonio Bandeira, Raimundo Cela e Descartes Gadelha). Integra ainda o circuito do museu o painel “Jangadas”, de autoria de Zenon Barreto e produzido para a inauguração de um novo prédio do Mauc em 1965. O museu ainda conta com três espaços destinados a exposições de curta e média duração (temporárias) – as salas Fundadores, Cearenses e Mulheres encontram-se temporariamente desmontadas.

A Biblioteca Floriano Teixeira do Mauc mantém um acervo especializado em artes, constituído de livros, catálogos, periódicos e folhetos, além de outros tipos de documentos. A biblioteca conta com a coleção Jean-Pierre Chabloz, formada por livros e revistas da biblioteca particular do artista, e a coleção de obras raras, composta por diapositivos, fitas de vídeo, revistas, folhetos e livros raros.

O acervo arquivístico do Mauc conta com dois fundos documentais distintos: Institucional e Jean Pierre Chabloz. O Arquivo Institucional do Museu foi organizado a partir da fundação do museu, em 1961, e é composto de documentos referentes às atividades da instituição. Já o fundo Jean Pierre Chabloz abrange toda uma documentação organizada pelo próprio artista ao longo de sua vida. Destaca-se nesta coleção a documentação produzida para o Serviço de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (Semta), reconhecida com o selo da Unesco pelo Programa Memória do Mundo em 2016 devido a sua importância e relevância para a história da sociedade.

Missão do Mauc

“Produzir conhecimento através da arte, compartilhando experiências inspiradoras e envolventes de acolhimento, preservação, pesquisa e inovação para promoção do patrimônio cearense e da UFC” (2019)



02

Estrutura e Equipe

DIRETORIA E ADMINISTRAÇÃO

Telefone: (85) 3366-7481

E-mail: mauc@ufc.br

Diretora

Graciele Karine Siqueira

Administração

Davi Pereira Loiola

Assistente em Administração

*Helem Cristina Ribeiro
de Oliveira Correia*

Administradora

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO (NC) E PUBLICAÇÕES

Telefone: (85) 3366-7481

E-mail: comunicamauc@ufc.br

Kathleen Raelle de Paiva Silveira

Assistente em Administração (Coordenadora)

Regis Torquato de Araújo Tavares

Assistente em Administração

Thiago Nogueira de Freitas

Contra-Mestre em Artes Gráficas

NÚCLEO EDUCATIVO (NeMauc)

Telefone: (85) 3366-7481

E-mail: nemauuc@ufc.br

Isadora Nogueira Mangualde
Pedagoga (Coordenadora)

Cristiane Nogueira da Silva

Assistente em Administração

Aline Teresinha Basso

Docente colaboradora (Curso de Design-Moda - ICA/UFC)

ARQUIVO INSTITUCIONAL E ARQUIVO JEAN PIERRE CHABLOZ

Telefone: (85) 3366-7480

E-mail: arquivomauuc@ufc.br

Auricélia França de Souza Reis

Técnica em Arquivos

Cássio Vinicius Carvalho de Sousa
Arquivista

Maria Júlia Ribeiro

Assistente em Administração

BIBLIOTECA FLORIANO TEIXEIRA DO MAUC

Telefone: (85) 3366-7480

E-mail: bmauc@ufc.br

Larisse Macedo de Almeida

Bibliotecária

Renato Barros de Castro

Assistente em Administração

RESERVA TÉCNICA E EXPOSIÇÕES

Graciele Karine Siqueira

Museóloga

Saulo Moreno Rocha

Museólogo

RECEPÇÃO / PORTARIA

Telefone: (85) 3366-7482

Nathália Jéssica Batista da Silva

Recepcionista

Raimundo Nonato Almeida Brito

Serviços Gerais

ESTACIONAMENTO

Francisco Marcelo Daniel de Lima

VIGILÂNCIA

Antonio Augusto Lopes

Francisco Joedilson Oliveira Cavalcante

Magela Felipe de Sousa

Orlando de Abreu Lima



03

Conhecendo os Projetos do Mauc

Programa de Promoção da Cultura Artística (PPCA) da Pró-Reitoria de Cultura (Procult)

Projeto	Setor/Área	Coordenadoria/Parceria
Aplicativo Mauc: para uma arte mais acessível	Comunicação / Acessibilidade	Kathleen Raelle Thiago Nogueira
Arquivo do Mauc Acessível	Arquivo / Preservação / Comunicação	Cassio Vinicius
Laboratório de Práticas Experimentais em Arte e Educação Museal do Mauc (LAPEArte)	Educativo	Isadora Mangualde Aline Basso
Mauc Podcast	Comunicação	Regis Torquato
Produção audiovisual: arquivo, memória e inclusão	Arquivo / Comunicação	Auricelia França



Programa de Bolsas de Extensão Universitária da Pró-Reitoria de Extensão (Prex)

Projeto	Setor/Área	Coordenadoria/Parceria
Museu de Arte: Uma nova recepção estética	Educativo	Graciele Siqueira Isadora Mangualde Cristiane Nogueira
Pesquisando e Conhecendo o Mauc	Pesquisa	Helem Ribeiro
Laboratório Audiovisual do Mauc (LAMauc)	Comunicação	Kathleen Raelle
Cultura e arte no Mauc - um museu que se comunica	Comunicação	Kathleen Raelle
Educação Museal para todos os públicos	Educativo	Isadora Mangualde Cristiane Nogueira
Desenhando no Museu	Educativo	Aline Basso

Programa de Acolhimento e Incentivo à Permanência (Paip) da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)

Projeto	Setor/Área	Coordenadoria/Parceria
Do plano à ação: Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC	Educativo	Isadora Mangualde Aline Basso Cristiane Nogueira



Programa Bolsa de Iniciação Acadêmica - Bia/Prae

Projeto	Setor/Área	Coordenadoria/Parceria
Digitalização do acervo documental	Arquivo	Cássio Vinicius Auricelia França Maria Júlia Ribeiro
Preservação e Conservação em Acervos Arquivísticos e Históricos	Arquivo	Cássio Vinicius Auricelia França Maria Júlia Ribeiro
Produção Audiovisual para Redes Sociais: Memória e Acessibilidade	Arquivo	Cássio Vinicius Auricelia França Maria Júlia Ribeiro
Biblioteca sem fronteiras: disseminando informação acessível nas mídias digitais	Biblioteca	Larisse Macêdo
Organizar para disseminar: ações estratégicas para a divulgação do acervo da biblioteca do Mauc	Biblioteca	Larisse Macêdo
Núcleo Educativo do Mauc: Práticas artístico-educativas, pesquisa e mediação	Educativo	Isadora Mangualde
Laboratório de Práticas Experimentais em Arte e Educação Museal do Mauc (LAPEArte)	Educativo	Isadora Mangualde Aline Basso



04

Coordenadorias e parcerias

Aline Teresinha Basso

Doutora em Belas Artes na especialidade Desenho, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, em Lisboa, Portugal. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, UFPB/UFPE. Pós-graduada em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo Senac. Graduada em Tecnologia em Design de Interiores pelo CEFET-PB. É professora adjunta do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará – ICA/UFC, na unidade de Linguagem Visual da graduação em Design-Moda. Atua em projetos ligados à formação e à produção artística.

Auricelia França de Souza Reis

Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), desde 2008. Mestranda em Políticas públicas e gestão da educação superior, pela UFC. Especialista em Tecnologias Aplicadas ao Tratamento, Recuperação e Gestão da Informação. Atuou como Técnica em arquivos na Iniciativa Privada, entre os anos de 2009 a 2014, desempenhando práticas diretas na área de Organização da Massa Documental e no Gerenciamento Eletrônico de Documentos. Hoje Técnica em Arquivos na Universidade Federal do Ceará, desempenha um papel fundamental na organização do Acervo Histórico e Institucional do Museu de Arte da UFC - Mauc.

Cássio Vinicius Carvalho de Sousa

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2021). Possui graduação em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba (2022), graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de João Pessoa (2012) e Especialização em MBA Gerenciamento de Obras pelo IPOG (2015). Atualmente, exerce o cargo de Arquivista do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Cristiane Nogueira da Silva

Graduada em Administração. Pós-graduada em Gestão Pública.

Graciele Karine Siqueira

Mestra em Museologia e Patrimônio pela UniRio em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast). Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Museóloga formada pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Trabalha no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc/UFC), desde 2008, desempenhando a função de museóloga e responsável pela Divisão de Acervos. Desde 2018, ocupa a função de diretora do Mauc/UFC. Integra o Grupo de Pesquisa Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal da Paraíba (RedMus/UFPB).

Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia

Graduada em Administração pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Estratégia e Gestão Empresarial pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Museologia pela Universidade de São Paulo. Atua como Administradora no Museu de Arte da UFC desde 2016.

Kathleen Raelle de Paiva Silveira

Bacharel em Design de Moda (2011) e mestre em Artes (2016) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, linha de pesquisa Arte e Pensamento, ambos do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, coordena o Núcleo de Comunicação do Museu de Arte da UFC(Mauc), instituição em que é servidora desde 2009. Possui interesse nos temas relacionados à arte, educação e comunicação institucional.

Larisse Macedo de Almeida

Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Ceará (2019); Pós-graduada em Pesquisa Científica pela Universidade Estadual do Ceará (2016); Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (2013). Atualmente é Bibliotecária-Documentalista no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará, responsável pelo gerenciamento da Biblioteca Floriano Teixeira do Museu de Arte da UFC. Tem experiência na área de Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Mediação da informação, Competência em Informação, Bibliotecas universitárias e Educação de usuários.

Regis Torquato de Araujo Tavares

Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (2012) pelo Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestre em Artes (2020) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC); atua no Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA - UFC); atua como jornalista autônomo e trabalha como servidor público no Núcleo de Comunicação Institucional e Publicações do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc). Tem experiência nas áreas de Comunicação e de Artes, com ênfase em livro-reportagem, jornalismo literário, processo de criação em escrita; cultura popular e fotografia.

Thiago Nogueira de Freitas

Graduado em Tecnologia da Gestão da Qualidade pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Contramestre em artes gráficas do Museu de Arte desde 2020.



05

Vigência das Atividades

Todas as bolsas da Universidade Federal do Ceará têm vigência de 9 (nove) meses, tendo o início variando entre março e abril e o término entre novembro e dezembro.

O período de realização das atividades ocorre conforme indicado na tabela abaixo: .

Modalidade	Período de Realização das Atividades
Bolsa do Programa de Promoção da Cultura Artística (PPCA) da Pró-Reitoria de Cultura (Procult)	abril a dezembro
Bolsa do Programa de Acolhimento e Incentivo à Permanência (Paip) da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)	abril a dezembro
Bolsa do Programa de Bolsas de Extensão Universitária da Pró-Reitoria de Extensão (Prex)	abril a dezembro
Bolsa do Programa Bolsa de Iniciação Acadêmica – Bia/Prae	abril a dezembro
Estágio (obrigatório) da disciplina Educação Patrimonial do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE	mediante demanda e interesse de discentes e docentes
Programa de Voluntariado	mediante demanda e interesse de discentes



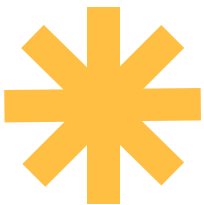
06

Carga Horária

A carga horária semanal a ser cumprida por bolsista deverá ser de **12 (doze) horas**. No caso do voluntariado vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (Prex), é facultada à coordenadoria estabelecer cargas horárias entre 4 (quatro) e 12 (doze) horas semanais.

A atuação ocorrerá em turnos de 4 (quatro) horas seguidas, respeitando o horário de funcionamento do Mauc e de trabalho da equipe (segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h). Em situações excepcionais, podem acontecer atuações no período da noite e em finais de semana em datas e horários previamente estabelecidos durante a vigência dos projetos.

Em caso de mudanças no horário de funcionamento do Museu, os horários de atuação serão devidamente reajustados tendo em vista novas orientações.



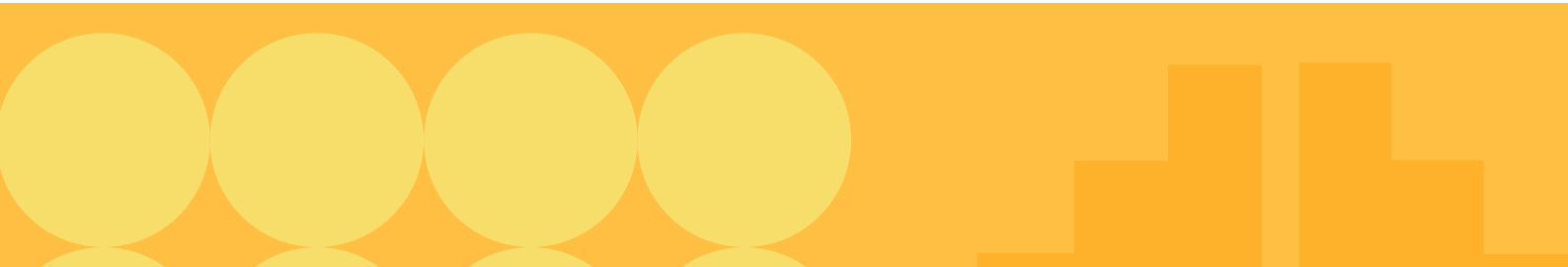
07

Frequência

Bolsistas e pessoas voluntárias deverão registrar sua frequência na Folha de Frequência Mensal, informando dados como a data e o horário de entrada e de saída.

É importante cumprir os dias e horários estabelecidos na escala de revezamento. Eventuais ausências às atividades devem ser justificadas com atestado médico ou outro documento, conforme o caso.

A frequência será atestada mensalmente pela coordenadoria do projeto. A não confirmação pode acarretar em suspensão do pagamento da bolsa e/ou desvinculação do projeto.



08

Pagamento da Bolsa

O valor mensal da bolsa é de **R\$ 700,00 (setecentos reais)**.

O pagamento do valor da bolsa ocorrerá até o décimo dia útil do mês subsequente, considerando a disponibilidade financeira do Tesouro Nacional, e é da responsabilidade das Pró-Reitorias às quais os projetos estejam vinculados.

Se liga!

Ex.: Se a pessoa na função de bolsista começar suas atividades no projeto em 1º de abril, sua bolsa referente a esse mês provavelmente será depositada até o 10º dia útil de maio.

É vedada a acumulação de bolsas concedidas pela UFC com outras bolsas ou outra atividade remunerada, pública ou privada, com ou sem vínculo empregatício.

Normalmente, as bolsas podem ser acumuladas com auxílios oferecidos pela UFC (residência universitária, RU, entre outros).

As pessoas voluntárias não receberão qualquer valor financeiro durante a vigência do vínculo ao projeto.

Se liga!

A função de bolsista não constitui cargo ou emprego nem representa vínculo empregatício de qualquer natureza com a Universidade Federal do Ceará.

09

Responsabilidades

Constituem deveres das pessoas bolsistas e voluntárias atuantes no Museu de Arte:

- Participar das atividades definidas no Plano de Trabalho dos projetos;
- Conhecer as normas e estar ciente e de acordo com as orientações e regras constantes nos editais de bolsas e do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará;
- Cumprir a carga horária de 12h semanais (nos casos de vagas voluntárias vinculadas à Pró-Reitoria de Extensão, cumprir a carga horária
- estabelecida e acordada com a coordenadoria do projeto);
- Não acumular bolsa, nem ter vínculo empregatício de qualquer natureza, sob pena de ressarcimento aos cofres públicos;
- Manter bom relacionamento com colegas e servidores;
- Manter atitudes de solidariedade e respeito a toda a comunidade acadêmica e atuar de forma responsável em relação ao meio ambiente;
- Zelar e promover o nome do Museu de Arte e da Universidade Federal do Ceará, sendo vedada a utilização de símbolos ou marcas gráficas oficiais para finalidades estranhas à atividade;
- Manter comportamento e vestimentas compatíveis com o ambiente de trabalho;



Se liga!

Como você terá contato com o público, a linguagem a ser utilizada deverá ser cordial e respeitosa, observando sempre a melhor forma de se dirigir a alguém.

Além disso, recomendamos usar as camisetas do Mauc. Em caso de impossibilidade, usar camiseta preta ou branca, bem como o crachá de identificação se ele existir.

Recomendamos ainda calças ou saias médias/longas e calçados fechados ou sandálias de tiras (dada a informalidade, evitar tops, roupas curtas e sandálias do tipo “havaianas”).

Estamos em função pública durante as atividades das bolsas.

- Possuir disposição para o trabalho coletivo, colaborativo, partilhado e cooperativo;
- Ter abertura para a inovação e para a busca de soluções diante de problemas e desafios apresentados e mapeados nos projetos;
- Disposição para a relação com os públicos do museu, para a realização de oficinas, visitas mediadas ou outras ações em público e que lidam diretamente com o diálogo com pessoas, individualmente ou em grupo;
- Ter interesse pelos seguintes campos acadêmicos: Artes, Arte/Educação, Educação, Museologia, Biblioteconomia, Arquivologia, História e Patrimônio;
- Respeitar as diferentes religiões, credos, cores, orientação sexual e identidade de gênero de colegas, visitantes e qualquer pessoa.

Em caso de racismo, assédio, discriminação, intolerância religiosa, vandalismo ou importunação sexual, comunicar imediatamente à coordenadoria do projeto e à direção do Museu para a tomada de providências.

- Acompanhar com atenção as mensagens, áudios, materiais e links disponibilizados nos grupos de WhatsApp (principalmente os destacados na descrição do grupo) e e-mails do Mauc. Estes são meios de comunicação com a equipe, então é essencial que cada pessoa esteja ciente e cumpra seus direcionamentos. Acompanhar com atenção as mensagens, áudios, materiais e links disponibilizados nos grupos de WhatsApp do Mauc (principalmente os destacados na descrição do grupo). Este é o meio de comunicação com a equipe, então é essencial que cada pessoa esteja ciente e cumpra seus direcionamentos.
- Desenvolver autonomia para realizar as atividades do Mauc, propor ideias, pesquisar novas fontes de estudos pertinentes e compartilhar suas experiências com a equipe.

IMPORTANTE:

Além das atribuições estabelecidas no projeto, também é importante se comprometer a desenvolver suas atividades observando os seguintes aspectos comportamentais:

- proatividade;
- disposição para buscar resoluções de problemas;
- comportamento ético;
- responsabilidade e uso responsável das ferramentas e de recursos materiais do Mauc;
- flexibilidade, conseguindo adaptar-se às novas demandas e prioridades de forma produtiva;
- capacidade de interagir com as pessoas, respeitando as características, ideias e opiniões diferentes;
- organização;
- liderança;
- capacidade de trabalhar em equipe;
- qualidade no atendimento ao público.

- Manter o ambiente limpo e organizado;
- Zelar pelos bens e instalações do Mauc;
- Informar imediatamente à coordenação do projeto qualquer irregularidade no recebimento da bolsa;
- Elaborar relatório ou instrumento equivalente de registro com a finalidade de sistematização das ações desenvolvidas no escopo do programa, bem como a apresentação de um produto final, a ser definido em acordo com a coordenação;

Se liga!

Estamos aprendendo, ou seja, existe espaço para ajustes de ritmos nas atividades. Para isso, é essencial que haja diálogo entre a equipe. Qualquer intercorrência ou dificuldade, converse com a coordenação do projeto, ok?

10

Atividades e Eventos obrigatórios

- Participação no Seminário de Ambientação promovido pelas Pró-Reitorias;
- Participação no Seminário de Ambientação Institucional do Mauc;
- Elaboração de relatório de atividades e resumo para os eventos obrigatórios;
- Apresentação do produto final/resultado da bolsa na *Jornada de Práticas Educativas e Científicas do Mauc* na forma de resumo, comunicação oral e resumo expandido;
- Participação nos Encontros Universitários.



11

Desligamento

O desligamento no projeto ocorrerá nos seguintes casos:

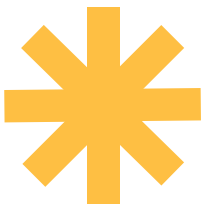
- Ao término do período previsto para a bolsa;
- Por descumprimento das atividades previstas, infrequência e indisciplina;
- Por solicitação, mediante justificativa;
- Por solicitação da coordenação do projeto;
- Por desvinculação ao curso de graduação da UFC, total ou temporariamente, como nos casos de conclusão, desligamento, desistência, cancelamento, bem como de trancamento total ou matrícula institucional.
- Por situação de acúmulo da bolsa com outra atividade remunerada pública ou privada e recebimento de qualquer outro tipo de bolsa ou remuneração;
- Por não atender às normas do edital ao qual a bolsa está vinculada.



12

Declaração / Certificação

Bolsistas e pessoas voluntárias receberão declaração de participação no projeto com o qual tenham vínculo. A forma de solicitação de emissão da declaração deve ser verificada conforme o programa relacionado. No caso do Programa de Acolhimento e Incentivo à Permanência (Paip) da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), a pessoa terá direito ao certificado após o exercício da função de bolsista ou de voluntariado por, no mínimo, 4 (quatro) meses consecutivos. Caso contrário, receberá uma declaração.



13

Artistas do circuito de longa duração

Aldemir Martins

Aldemir Martins (Ingazeiras, Ceará, 1922 – São Paulo, São Paulo, 2006). Pintor, gravador, desenhista, ilustrador. Reconhecido pela produção figurativa amplamente difundida nos meios de comunicação, Aldemir Martins recorre a um repertório formal constantemente retomado, no qual se destacam aves, sobretudo os galos; cangaceiros, inspirados nas figuras de cerâmica popular; gatos, realizados com linhas sinuosas; e ainda flores e frutas.

Começa a desenhar no Colégio Militar de Fortaleza, que frequenta desde 1934. Na década de 1940, trabalha como artista na capital cearense, ao mesmo tempo que busca atualizar o então incipiente meio artístico da cidade. No princípio da carreira, em 1941, ajuda a criar o Centro Cultural de Belas Artes (CCBA) com Mario Baratta (1915-1983), Antonio Bandeira (1922-1967), Raimundo Cella (1890-1954) e Inimá de Paula (1918-1999). O grupo monta um espaço para exposições permanentes e organiza salões e cursos de arte. Três anos depois, a instituição passa a se chamar Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap). Martins produz desenhos, xilogravuras, aquarelas, pinturas e colabora, a partir de 1943, como ilustrador na imprensa cearense.

Em 1945, segue para o Rio de Janeiro com Antonio Bandeira e Inimá de Paula. Na cidade, participa de uma coletiva de artistas cearenses na Galeria Askanasy, organizada pelo pintor suíço Jean-Pierre Chabloz (1910-1984). No ano seguinte, muda-se para São Paulo, onde realiza sua primeira exposição individual no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e retoma a carreira de ilustrador. Entre 1949 e 1951, frequenta os cursos do Museu de Arte de São Paulo (Masp) e se torna monitor da instituição. Lá estuda história da arte com Pietro Maria Bardi (1900-1999) e gravura com Poty Lazzarotto (1924-1998). Durante o curso, produz o álbum de gravuras *Cenas da seca do Nordeste*, com prefácio de Rachel de Queiroz (1910-2003). Os trabalhos revelam a importante influência de Candido Portinari (1903-1962) tanto no tratamento do tema como no traço de Martins. Em 1951, faz desenhos de paus-de-arara, rendeiras e cangaceiros, trabalho que no mesmo ano recebe o prêmio aquisição para desenho na 1ª Bienal Internacional de São Paulo.

Dois anos mais tarde, realiza o cenário da peça *Lampião*, de Rachel de Queiroz. Em 1956, é premiado como melhor desenhista internacional na 28ª Bienal de Veneza e expõe em diversas partes do mundo. Em 1959, recebe o prêmio de viagem ao exterior do Salão Nacional de Arte Moderna e permanece por dois anos na Itália. Na década de 1960, trabalha muito com arte aplicada a objetos comerciais. Em 1962, cria cenário para o 1º Festival da MPB, produzido pela TV Record, e elabora estampas para tecidos da Rhodia Têxtil. Faz ilustrações dos aparelhos de jantar da série Goyana de Cora. A partir da segunda metade dos anos de 1960, cria esculturas de cerâmica e acrílico, além de joias em ouro e prata. Em 1969, ilustra bilhetes de loteria. Seis anos mais tarde, cria a imagem de abertura da telenovela *Gabriela*, da Rede Globo. Em 1981, repete a experiência na abertura da telenovela *Terras do sem fim*.

É pelo diálogo com o popular, pela encarnação de arquétipos da brasilidade com seus tipos e temas e pelo uso de linhas fortes e cores vibrantes do imaginário nacional que a obra de Aldemir Martins se projeta com destaque na cultura brasileira.

Antonio Bandeira

Antonio Bandeira (Fortaleza, Ceará, 1922 – Paris, França, 1967). Pintor, desenhista, gravador. Destaca-se por contribuir para a renovação da arte cearense e por imprimir características locais à sua produção.

Inicia-se na pintura como autodidata na década de 1940. Em 1941, em Fortaleza, participa da criação do Centro Cultural de Belas Artes (CCBA), que dá origem, em 1943, à Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap). O CCBA mobiliza a cultura visual cearense e monta um espaço para exposições permanentes, realizando salões anuais e mantendo cursos de arte. Em 1941, Bandeira expõe pela primeira vez, no 1º Salão Cearense de Pintura, promovido pelo CCBA. Em 1944, ganha o primeiro prêmio no 3º Salão Cearense de Pintura, com a tela *Cena de Botequim* (1943).

Nesse momento, sua pintura tenta figurar cenas da vida suburbana de Fortaleza sem cair nos clichês do retrato de pescadores e jangadeiros. Em seus quadros, são privilegiadas as populações marginais da cidade. O artista pinta cenas com personagens da boemia, a exemplo de *Paisagem noturna* (1944), e também na penúria financeira, como em *Desempregados* (1944). Trata dos temas com pinceladas enérgicas e um desenho forte, inspirados na vitalidade de Vincent van Gogh (1853-1890), dando a essas cenas uma textura vibrante que revela dramaticidade.

Em 1945, transfere-se para o Rio de Janeiro e realiza sua primeira exposição individual, no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ). Contemplado pelo governo francês com bolsa de estudos, viaja a Paris, permanecendo lá de 1946 a 1950. Estuda pintura, desenho e gravura na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts [Escola Superior de Belas Artes] e na Académie de La Grande Chaumière. No entanto, em busca de uma arte não acadêmica, deixa essas instituições.

O contato com as obras das vanguardas históricas aproxima seu trabalho do cubismo e do fauvismo. Em telas como *Mulher sentada lendo* (1948) e *Cara* (1948), as formas geometrizadas mostram influência de Pablo Picasso (1881-1973), mas os planos recortados têm cores fortes e contrastantes ao modo *fauve*. Assim, sua obra já toma outras direções.

Entre 1947 e 1948, participa de dois importantes eventos: o Salon d'Automne [Salão de Outono] e o Salon d'Art Libre [Salão de Arte Livre]. Com a pintora francesa Bryen (1907-1977) e o pintor alemão Wols (1913-1951), de quem se torna amigo, forma o Grupo Banbryols, que dura de 1949 a 1951. A convivência com esses artistas colabora para a guinada de seu trabalho para uma pintura mais gestual, abstrata e aberta a sugestões ligadas ao automatismo surrealista. Apesar de preservar a figura, aqui ela aparece de maneira sugerida, marcada pela interação de elementos livres como manchas e marcas de pincel.

Em 1948, participa da mostra La Rose des Vents, na Galerie des Deux Iles, que marca sua adesão ao abstracionismo informal. Seus trabalhos em guache e nanquim adquirem progressivamente esta feição. As linhas parecem perder a continuidade, não contornam figuras e, soltas por todo o trabalho, sugerem formas de objetos. Na pintura, essa mudança aparece a partir de 1949, em trabalhos como *Paysage Lointain* [Paisagem longínqua] (1950), em que o artista incorpora as manchas, riscos e as formas coloridas sem submetê-los a um desenho prévio.

De volta ao Brasil, em 1951, participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo e apresenta sua primeira grande exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). O artista Waldemar Cordeiro (1925-1973) escreve sobre as suas pinturas abstratas e as compara à produção concreta que ganha vulto pelo país na época.

Em Fortaleza, em 1952, inicia uma nova fase de sua pintura. Radicaliza a abstração informal e passa a incorporar os gotejamentos e respingos da tinta. Busca uma tela em que o primeiro e o segundo plano se mostrem indistintos, não como um emaranhado caótico de cores, mas, num jogo livre de linhas, harmonizado por formas coloridas. Ainda em 1952, cria um mural para o IAB, em São Paulo. Em trabalhos como *Luas sobre cidade negra* (1954) e *Árvores* (1955) se vale de formas geométricas para buscar um equilíbrio, entrecruzando linhas e pinceladas livres.

Retorna a Paris, em 1954, em razão do Prêmio Fiat, obtido na 2ª Bienal Internacional de São Paulo (1953), mas continua expondo no Brasil. Permanece na Europa até 1959, passando pela Inglaterra e Bélgica, onde, em 1958, realiza um painel para o Palais des Beaux-Arts [Palácio de Belas Artes]. Ao retornar ao Brasil, tem uma atividade artística intensa, participando de importantes exposições, em paralelo a mostras em Paris, Munique, Verona, Londres e Nova Iorque.

Seus quadros são cada vez mais gestuais. No entanto, não se pode dizer que eles se tornem abstratos em sentido estrito. Sua pintura segue com procedimentos da abstração gestual. Diferentemente do que ocorre na pintura realista, que se baseia na figuração, o artista procura figuras que surgem entre estes traços e pinceladas, na relação livre entre os elementos de seu trabalho, sugerindo imagens de flores ou paisagens.

Em 1961, edita um álbum de poemas e litogravuras de sua autoria, e, no mesmo ano, João Siqueira realiza um curta-metragem sobre a obra do pintor. Em 1962, começa a incorporar materiais pouco usuais em suas telas, distribuindo miçangas na superfície pintada. Mais tarde, em 1965, o artista usa barbantes e isopor. Por volta de 1966, sua produção diminui, mas segue pintando até dias próximos de sua morte, em 1967, em Paris.

Com um trabalho eclético, Antonio Bandeira é um pioneiro nas artes plásticas nacionais e deixa grande herança artística.

Chico da Silva

Francisco Domingos da Silva (Alto Tejo, Acre, 1910 - Fortaleza, Ceará, 1985). Pintor e desenhista. Começa a desenhar a carvão e giz sobre muros e paredes de casebres de pescadores por volta de 1937, em Fortaleza (Ceará). Na década de 1940, sob o incentivo do crítico e pintor suíço Jean Pierre Chabloz, inicia-se na pintura a guache e, juntamente com Chabloz, Antônio Bandeira e Inimá de Paula, expõe na Galeria Askanasy, no Rio de Janeiro, em 1945. Entre 1961 e 1963, trabalha no recém-criado Museu de Arte da UFCE. Depois de permanecer quatro anos internado em um hospital psiquiátrico, volta a pintar em 1981.

De estilo inconfundível, Chico da Silva representou para o patrimônio artístico cearense uma verdadeira reinvenção da pintura através da sua simbologia, do seu colorido e de seu universo temático. O artista nasceu em família humilde e não teve acesso aos estudos, o que, no entanto, não o impediu de assumir várias dimensões artísticas em seu trabalho. Tendo, na década de 1940, despertado o olhar do artista plástico suíço Jean Pierre Chabloz, que se deparou com desenhos em muros e paredes da Praia Formosa, inicia-se nas artes plásticas com a técnica de pintura a guache.

Participou em 1943 das exposições coletivas do Salão de Abril e, em 1944, do III Salão Cearense de Pintura. Em 1945, expôs na galeria Askanasy, com Antonio Bandeira e Inimá de Paula, assim como na Bienal Latino-Americana de São Paulo. Em decorrência de sua amizade com Chabloz, suas obras transitaram no exterior de tal forma que, durante a década de 1950, podiam ser encontradas em várias galerias da Europa.

Dentro do movimento artístico naïf, é considerado um “gênio primitivista” no Brasil. As características do seu trabalho remetem, segundo Jean Pierre Chabloz, a lendas amazônicas, recordações da infância, ritos e práticas mágicas, entre outros elementos transpostos poeticamente para a arte, através de símbolos que formam a distinção do seu universo cultural. Sua arte teve grande aceitação coletiva mediante sua evocação poética e seu estilo arcaico, assim referido por Chabloz.

Após seu retorno da Europa no início da década de 1960, Chabloz apresenta Chico da Silva ao reitor Antônio Martins Filho, sendo contratado para desenvolver atividades no Mauc entre 1959 e 1963 — destaca-se aqui que há uma imprecisão nas datas de entrada e saída de Chico junto ao corpo técnico da Universidade. Em 1961, participa da exposição de instalação do Museu com 6 guaches, segundo registros no catálogo.

Nascido artisticamente no Ceará, Chico da Silva conta com uma sala no circuito de longa duração do Mauc, sendo a maior parte da mostra correspondente às obras que participaram e receberam a Menção Honrosa na 33ª Bienal de Veneza, em 1966.

Em 2014, por intermédio da então pró-reitora de Extensão, Marcia Machado, uma coleção com 40 obras, todas guaches sobre cartão, foram doadas ao Mauc por Vera Bezerra. O total de obras pertencentes à instituição hoje corresponde a 78 telas.

O artista faleceu em 5 de dezembro de 1985, após passar por um período de turbulência na sua vida, quando, inclusive, foi internado. Considera-se ainda que há uma dívida da comunidade intelectual pela contribuição de Chico da Silva para a arte e para a cultura do Brasil.

(Fontes: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/> e <https://mauc.ufc.br/>)

Raimundo Cella

Raimundo Brandão Cella (Sobral, Ceará, 1890 - Niterói, Rio de Janeiro, 1954). Pintor, gravador, professor. Forma-se em ciências e letras no Liceu do Ceará. Em 1910, muda-se para o Rio de Janeiro e matricula-se como aluno livre da Escola Nacional de Belas Artes (Enba). É aluno de Zeferino da Costa (1840-1915), Eliseu Visconti (1866-1944) e Baptista da Costa (1865-1926). Nessa época, titula-se em engenharia pela Escola Politécnica. Entre 1917 e 1922, viaja a Paris para aperfeiçoar-se. Quando volta ao Brasil, por problemas de saúde, reside em Camocim, no interior do Ceará, e trabalha como engenheiro. Em 1938, cria um painel sobre a abolição da escravidão para o Palácio do Governo do Estado, em Fortaleza. Volta a dedicar-se à carreira de artista plástico de forma mais enfática após 1940, quando se muda para Niterói, no Rio de Janeiro. A partir dessa data, leciona gravura em metal na Enba. Realiza a primeira mostra individual em 1945, no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), no Rio de Janeiro. São temas constantes em sua produção as paisagens, os tipos populares e o trabalho de vaqueiros e pescadores de sua terra natal. Destaca-se também sua obra gráfica, na qual retoma a mesma temática. Após sua morte, é criada a Casa Raimundo Cella, centro de artes visuais em Fortaleza, onde ocorre, em 1970, uma mostra de artistas cearenses com o lançamento de uma monografia sobre o artista. Em 2004, é lançado o livro *Raimundo Cella: 1890-1954*, de autoria de Estrigas, pela editora Pinakothke.

A produção de Raimundo Cella permanece isolada, à margem do modernismo e de outros movimentos transformadores nas artes do Brasil. Revela, entretanto, a paisagem e as figuras populares do Ceará, com sensibilidade e inquietação em face das questões sociais de seu tempo. São constantes em sua produção as paisagens litorâneas e as atividades de vaqueiros, pescadores e jangadeiros, pintadas com paleta clara e luminosa.

Destaca-se também sua obra gráfica, que revela domínio técnico da gravura em metal. Entre os temas recorrentes em sua pintura, estão paisagens, cenas cotidianas e tipos populares, utilizando o claro-escuro de forma controlada.

Descartes Gadelha

Descartes Gadelha, nascido em Fortaleza no dia 18 de junho de 1943, é considerado um expressionista. Artista de interpretação, sua temática aborda com lirismo os principais traços do comportamento de personagens de vivência mais sofrida, além dos perfis sociais em que se inspirou durante sua trajetória artística. Observador do cotidiano, optando por personagens populares do Nordeste, o artista representa claramente a pretensão do Mauc de alcançar o universal pelo regional.

O artista cresce próximo ao porto da Praia Formosa, tornando-se um apaixonado por jangadas. Autodidata, torna-se pintor, escultor e músico, iniciando-se na pintura em 1962, orientado por Zenon Barreto. Sua primeira exposição foi no Mauc, em 1963, na coletiva "A paisagem cearense". No mesmo ano, participou da coletiva "Pintores do Nordeste", na inauguração do Museu de Arte Popular na Bahia. Ficou em primeiro lugar no Salão de Abril em 1964 e 1965, em Fortaleza. Em 1967, recebe Menção Honrosa no 1º Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará. Em 1971, realiza individual de inauguração da Galeria Portinari, em Fortaleza. Em 1999, participou da reinauguração do Museu de Arte da UFC.

Destaca-se pela criação de pinturas, xilogravuras, peças em bronze e argila que retratam a resistência sertaneja da Guerra de Canudos (1896 – 1897) e têm inspiração na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (trata-se de uma rebelião ocorrida no arraial de Canudos, no nordeste do Estado da Bahia, liderada por Antônio Conselheiro). Dedicou-se aproximadamente trinta anos a essa criação,

ligando-se emocionalmente à tragédia, expondo o resultado “Cicatrizes Submersas: uma ilustração de Canudos” em 1997 no Palácio da Abolição.

Em 1989, o artista debruça-se sobre a temática “Catadores do Jangurussu”, expondo no Mauc. Essa coleção recebeu nos salões do Museu de Arte da UFC duas grandes exposições, uma no período da criação e outra como retrospectiva no ano de 2010. A exposição contou com seis obras que instigam a reflexão da comunidade, causando até perturbação diante da crítica ali retratada, dentre elas os quadros *Herói do Aterro*, *Pietá do lixo* e *Vida de Chorume*.

Com trajetória ligada fortemente ao Mauc, Descartes Gadelha expôs várias vezes no Museu: *Canindé: Canaã Nordestina* (1974), *De um alguém para outro alguém*, de 1990, e *Caldeirão de Fé*, de 2006. No VII Festival UFC de Cultura, em 2014, em parceria com a Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC, o Mauc realiza uma retrospectiva com todas as coleções do artista.

Em decorrência da doação de cerca de duzentas obras ao Mauc, em 15 de setembro de 2006, o artista ganha sua sala de longa duração no circuito expositivo do museu. Outra importante criação de Descartes Gadelha refere-se à representação de Iracema, que encontra-se sob guarda da UFC e integra o Salão de Iracema, na Casa de José de Alencar da UFC.

Em 27 de novembro de 2015, integrado à programação dos 60 anos da Universidade, o artista, que conseguiu captar através da sua sensibilidade artística a religiosidade, a cultura e os grandes problemas sociais do Nordeste brasileiro, recebeu, em solenidade dirigida pelo reitor Henry Holanda, o título de Doutor Honoris Causa da UFC. (Fonte: <https://mauc.ufc.br/>)

Mestre Noza

Inocência da Costa Nick (Taquaritinga do Norte, Pernambuco, 1897 - São Paulo, São Paulo, 1984). Gravador, escultor, santeiro. Em 1912, muda-se para Juazeiro do Norte, Ceará, onde frequenta a oficina do escultor José Domingos. Inicia-se na gravura executando rótulos de marcas para aguardente, além de esculpir imagens de santos. Em 1962, realiza as séries de xilogravuras *Vida de Lampião* e *Os Doze Apóstolos*, mais tarde editadas pelo Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Mauc. Em 1965, seu trabalho *Via Sacra* é publicado em Paris pelo editor Robert Morel, com apresentação de Sérvulo Esmeraldo.

Mestre Vitalino

Vitalino Pereira dos Santos (Ribeira dos Campos, Caruaru, Pernambuco, 1909 - Alto do Moura, Caruaru, Pernambuco, 1963). Ceramista popular e músico. Conhecido como Mestre Vitalino, o artista se notabiliza por suas peças de cerâmica que trazem figuras inspiradas nas crenças populares, em cenas do universo rural e urbano, no cotidiano, nos rituais e no imaginário da população do sertão nordestino brasileiro.

Filho de lavradores, ainda criança, começa a modelar pequenos animais de seu repertório rural, como bois e cavalos, com as sobras do barro usado por sua mãe na produção de utensílios domésticos para serem vendidos na feira de Caruaru.

Nos anos 1920, Mestre Vitalino cria a banda Zabumba Vitalino, da qual é o tocador principal de pífano. Na década de 1930, possivelmente influenciado pelos conflitos armados do período, modela seus primeiros grupos. As cenas que remetem à ordem e ao crime no sertão brasileiro são recorrentes em sua produção. Entre bandidos e soldados, policiais, ladrões de cabra e de galinha, destacam-se as figuras dos cangaceiros Lampião, Maria Bonita e Corisco.

Nos anos 1940, começam algumas transformações na vida de Mestre Vitalino. Muda-se para o povoado Alto do Moura e, em 1947, sua atividade como ceramista, até então desconhecida do grande público, é apresentada na 1ª Exposição de Cerâmica Pernambucana, organizada pelo desenhista e educador Augusto Rodrigues (1913-1993), no Rio de Janeiro. A partir dessa exposição, segue-se uma série de eventos que contribuem para torná-lo conhecido nacionalmente.

Boa parte dos trabalhos de Mestre Vitalino se refere aos três principais ritos de passagem do ser humano: nascimento, casamento e morte. O tema do casamento aparece com frequência em trabalhos como *Casamento no Mato*, *O Noivo e a Noiva*, e *Noivos a Cavalos*. Os enterros também são composições reveladoras dos hábitos e do cotidiano da região. Comparando-se às obras *Enterro na Rede*, *Enterro no Carro de Boi* e *Enterro no Caixão*, por exemplo, percebe-se a diferença de *status* dos mortos de acordo com o modo como são transportados. Somam-se a esses trabalhos as diversas procissões criadas pelo artista; cenas do imaginário popular, como em *A Luta do Homem com o Lobisome* (sic), *O Vaqueiro que Virou Cachorro* e *Diabo Atentando o Bêbado*; e aspectos sociais da região, como a seca e a migração, reproduzidas em obras como *Retirantes* (1960).

Outro tema frequentemente representado por Mestre Vitalino é o trabalho. Suas obras costumam expressar a divisão entre atividades laborais e tipos masculinos — vaqueiros e lavradores — e femininos — lavadeiras e rendeiras. O artista também modela profissões do contexto urbano, como dentista, médico, barbeiro e costureira, em parte para atender às demandas do mercado. Retrata, ainda, seu próprio trabalho, como em *Vitalino Cavando Barro*, *Vitalino Queimando a Loiça* e *Vitalino e Manuel Carregando a Loiça*, e produz ex-votos.

Além dos temas, a cor é um elemento importante na obra do artista. No início, ele a obtém por meio de argilas de tom avermelhado e branco. Depois, passa a pintar os bonecos com tintas industriais, o que lhes confere um aspecto alegre e lúdico. De acordo com a antropóloga Lélia Coelho Frota, autora de livro sobre o ceramista, a cor, nessa fase de Vitalino, não é utilizada como mero elemento decorativo, mas sim como parte integrante da própria modelagem, na medida em que confere às figuras e cenas maior dramaticidade. A partir de 1953, o artista deixa de pintar as figuras, mantendo-as na cor da argila queimada.

Em 1955, Mestre Vitalino integra a exposição *Arte Primitiva e Moderna Brasileiras*, em Neuchâtel, na Suíça. O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e a Prefeitura de Caruaru editam o livro *Vitalino*, com texto do antropólogo René Ribeiro e fotografias de Marcel Gautherot (1910-1996) e Cecil Ayres. Nessa época, ele conhece Abelardo Rodrigues, arquiteto e colecionador, que forma um significativo acervo de peças do artista, mais tarde doadas ao Museu de Arte Popular, depois chamado de Museu do Barro de Caruaru.

Mestre Vitalino representa um agente-chave de transformação de Alto do Moura, em Caruaru. Com seu sucesso, famílias inteiras passam a se ocupar da produção de cerâmica na comunidade, o que transforma o povoado em referência nacional na área, considerado pela Unesco um dos mais importantes centros de arte figurativa das Américas.

Em 1971, é inaugurada na região, na residência do artista, a Casa Museu Mestre Vitalino. No espaço, administrado pela família, estão expostas suas principais obras, além de objetos de uso pessoal, ferramentas de trabalho e o rústico forno a lenha em que fazia suas queimas.

Mestre Vitalino caracteriza-se por um estilo pessoal marcante, que se revela na expressividade das feições, nos gestos e posturas corporais da composição teatralizada das cenas que representa. Em certa medida, seu sucesso está relacionado também à tendência cultural da época de valorizar elementos populares, considerados originais e exemplos de brasilidade.

Independentemente das razões do sucesso de Mestre Vitalino, é certo que ele se caracteriza como um dos representantes da cultura nacional, na medida em que expressa, de maneira genuína, o homem nordestino e tudo aquilo que o constitui.

Ciça do Barro Cru (Cícera Maria de Araújo)

No Vale do Cariri, região mística e fértil do sul do Ceará, viveu Cícera Maria de Araújo, mais conhecida como dona Ciça do Barro Cru, que trabalhou com barro desde os 25 anos de idade. Uma artista popular, ceramista, com uma grande peculiaridade: não levava ao forno a sua cerâmica. Na sua arte, há representações de todos os folguedos populares da região, os tipos característicos e as principais atividades da população. Suas cores são vivas e únicas, as tintas eram fabricadas por ela, usando corantes, cola e cachaça (que dizia tirar o mau cheiro das tintas). Dona Ciça não só pintava suas peças como fazia aplicações com penas, palitos, mola de arame (para o pescoço dos capotes), contas a fio de algodão. Da relação da artista com os bonecos de barro, todo ano fazia um grande casal de noivos apaixonados acompanhado do padre, testemunhas e garota da salva, realizando, então, uma festa de casamento regada a galinha e vinho de jurubeba. Na representação, convidava-se algumas pessoas para falarem pelos bonecos, que Ciça chamava carinhosamente de "filhos". Todos os sábados e segundas-feiras, Dona Ciça colocava suas peças dentro de um balaio e se encaminhava às feiras de Barginha e Crato. Seus maiores compradores eram turistas e as pessoas que iam ao Cariri pesquisar sobre arte popular ou misticismo religioso.

(Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/>)

Chico Santeiro

Há mais de 30 anos, Francisco Vicente Nogueira, ou Chico Santeiro, como é conhecido, transforma a matéria prima da madeira em esculturas de santos. O artesão iniciou sua trajetória no município de Betânia, em 1986. O trabalho com madeira foi um legado aprendido com seu cunhado Gilberto e a família de sua esposa, Maria Luciene, que já realizavam trabalhos manuais em madeira. Além disso, foram eles que o incentivaram a dar continuidade ao negócio.

Um ano após seu início como mestre, Chico e a esposa foram morar em Ibimirim. Na época, as peças que ele produzia eram compradas por seu sogro, Pedro Ferreira de Souza, que revendia as obras em Recife. Depois de algum tempo, seu sogro resolveu levá-lo à capital pernambucana e o apresentou aos lugares que ele mantinha contato como, por exemplo, Casa da Cultura e algumas lojas de artesanato. Desde esse período, Chico trabalha de forma independente e autônoma.

Durante quatro anos, morou em Ibimirim junto à sua esposa e aos dois primeiros filhos, e o sustento da família foi através do trabalho que realiza com a madeira. No início dos anos 1990, passaram a residir no Sítio dos Nunes, distrito da cidade de Flores. Nesse tempo, ainda mantinha contato com as lojas em Recife, sendo a capital pernambucana o maior destino de venda das suas peças. Em 1997, Chico resolveu mudar-se com a família para Triunfo, no Sertão de Pernambuco, e lá reside até hoje, onde seu trabalho tem se destacado e é bem reconhecido. O artista foi muito bem acolhido na cidade, chegando a receber, em 2007, o título de cidadão triunfense.

Chico Santeiro já fez várias exposições nas cidades de Recife, Aracaju, Brasília e Maceió. Tem também trabalhos no exterior, sendo eles *Lampião* e *Maria Bonita*, no Museu Cuba, além de algumas peças na Itália. Recebeu, ainda em Triunfo, dois certificados, nos anos de 2002 e 2003, como personalidade destacada na atividade de artesanato. Seus trabalhos são considerados uma fonte de inspiração contínua que, além de agradar, tem o poder de sensibilizar seus clientes. (Fonte: <https://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/>)

Irmãs Cândido

Maria Cândida Monteiro (1961), Juazeiro do Norte (CE), e Maria do Socorro Cândido (1971), também de Juazeiro do Norte (CE):

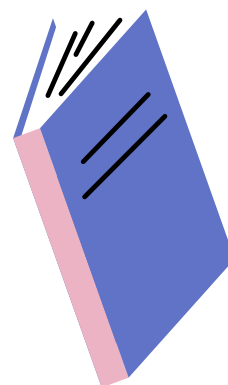
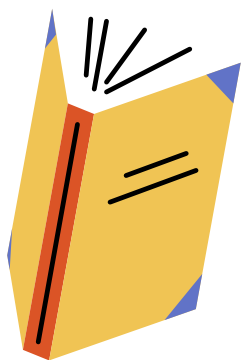
As Irmãs Cândido assinam seu nome pelas iniciais MCM e MSC para distinguirem-se. As irmãs trabalham com temas diversos. Além da temática tradicional desenvolvida pela mãe, elas também produzem peças cuja inspiração se apropria de personagens de TV, figuras de livros e revistas, entre outros elementos, solidificando também um dos temas que, segundo Lélia Coelho Frota, parecem ser da predileção da família, a sexualidade.

Maria de Lurdes Cândida [mãe] (1939): Tendo tido onze filhos, transmitiu às filhas mulheres o ofício local “feminino” de trabalhar no barro. Filhos homens como José Cícero Fonseca da Silva, o “Zé Ciço” também seguem a tradição familiar. A pedido do xilógrafo Stênio Diniz, Dona Maria de Lurdes variou o tema de sua produção artesanal de boizinhos, panelinhas e bonecos humanos para placas de tabatinga policromada, com cenas do cotidiano da praça da cidade, temas religiosos católicos ou do candomblé em alto-relevo. (Fonte: <http://www.museuafrobrasil.org.br/>)

Joaquim Mulato

Natural de Barbalha, município da região metropolitana do Cariri, Joaquim Mulato de Souza (1920-2009) dedicou sua vida ao celibato e à prática da sua fé. Filho de agricultores, acompanhou seus pais no trabalho da roça ainda muito jovem. Grande observador da natureza e das construções, aproveitava o intervalo das atividades da roça para fabricar aviamentos para casas de farinha, madeiramento para telhados de casas residenciais e móveis rústicos e simples sem nenhum detalhe sofisticado. Sua experiência nesse ofício despertou em sua alma o desejo de expressar sua fé através de suas obras de arte, o que fez com muita sofisticação e riqueza de detalhes, sendo reconhecido como um dos maiores escultores do Ceará. O Mauc conta com uma coleção de mais de cinquenta obras sacras deste brilhante artista. (Fonte: mauc.ufc.br)

(Demais fontes de pesquisa: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/>)



Links para textos e publicações sobre o Mauc

[Revista Mauc](#)

[Aba Publicações - Site do Mauc](#)

[Repositório UFC - Textos de referência](#)





Canais do Mauc na Internet



[Site](#)



[YouTube](#)



[Instagram Mauc](#)
[Instagram BMauc](#)
[Instagram NEMauc](#)



[Flickr](#)



[Facebook](#)

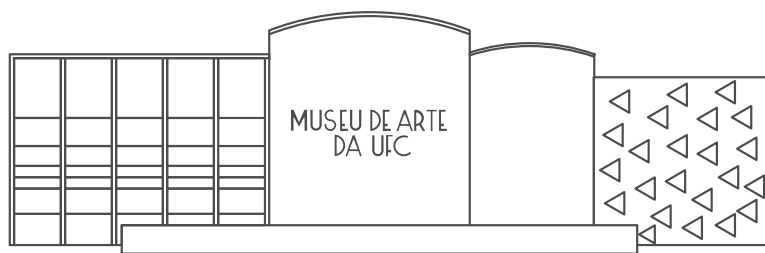


[Spotify](#)



[Newsletter](#)





Ficha Técnica – Guia para Bolsistas e Voluntariado Mauc

Idealização

Graciele Karine Siqueira

Organização

Cristiane Nogueira da Silva

Graciele Karine Siqueira

Textos

Cristiane Nogueira da Silva

Isadora Nogueira Mangualde

Renato Barros de Castro

Revisão Textual

Regis Torquato de Araújo Tavares

Identidade Visual, Capa, Design Gráfico e Ilustração

Thiago Nogueira da Silva

Ficha Catalográfica

Gislene Soares Guerra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

G 971 Guia para bolsistas e voluntariado Mauc [recurso eletrônico] / Organizadoras Cristiane Nogueira da Silva, Graciele Karine Siqueira. __ Fortaleza: Mauc Edições, 2025.
753 kb : il. color ; PDF.

Modo de acesso: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/80418>

Guia informativo para orientação aos bolsistas e voluntários quanto as diretrizes de convivência e desenvolvimento das atividades laborativas no Mauc.

1. Museu de Arte da UFC – Guias. 2. Guia técnico. I. Silva, Cristiane Nogueira da. II. Siqueira, Graciele Karine. III. Museu de Arte da UFC.

CDD 069.0981



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE CULTURA

Museu de Arte da UFC – Mauc

Avenida da Universidade, 2854 – Benfica

CEP 60020-181 – Fortaleza – CE – Brasil